

14

## Ternura maternal

## I

As paredes da casa em vão procuro,  
Quero dizer adeus e não consigo...  
Vejo apenas o vulto amargo e amigo  
Da morte que me estende o manto escuro.

Choro a estirar-me, trêmulo e inseguro,  
O leito ensaia a pedra do jazigo...  
Padeço, clamo e indago a sós comigo,  
Qual pássaro que tomba contra um muro.

A névoa espessa enreda o corpo langue,  
E' o terrível crepúsculo do sangue  
Que me tinge de sombra os olhos baços;

Mas surge alguém, no caos que me entontece,  
E' minha mãe, que alonga as mãos em prece,  
Doce estrela brilhando entre meus braços!...

## II

Ave que torna, em chaga, ao brando ninho,  
Ouço divina música na sala,  
E' a sua voz celeste que me embala,  
Motes do lar que tornam de mansinho.

Ergo-me agora... O corpo é o pelourinho  
De que me desvencilho por beijá-la...  
— «Mãe! Minha mãe!...» — suspiro, erguendo a fala,  
A soluçar de júbilo e carinho.

— «Dorme, filho querido! Dorme e sonha!...»  
Nossa velha canção terna e risonha  
Regressa com beleza indefinida...

Tomo-lhe os braços em que me acrisolo  
E durmo novamente no seu colo  
Para acordar no berço de outra vida.

CARLOS D. FERNANDES

